

À Ponte de Brooklyn

Em quantas madrugadas, arrefecidas pelo repouso ondulante,
As asas da gaivota não-de imergi-la e voar em seu redor,
Espalhando anéis brancos de tumulto, erigindo bem no alto
Sobre as águas agrilhoadas da baía a liberdade —

Então, numa curva inviolada, deixarão os nossos olhos
Tão espectrais como veleiros que cruzam
Uma página cheia de parcelas a arquivar;
— Até que os elevadores nos libertem do nosso dia...

Sonho com cinemas, truques panorâmicos
Com multidões debruçadas sobre uma cena fulgurante
Jamais revelada, mas passada de novo à pressa,
A outros olhos prometida sobre o mesmo écran;

E TU, por cima do porto, ao ritmo da prata
Como se o sol te imitasse, embora deixasse
Um gesto nunca acabado no teu rasto, —
Implicitamente ficas com a tua liberdade!

De uma abertura no metro, de uma cela ou mansarda
Um louco precipita-se para os teus parapeitos,
Oscilando aí por momentos, a garrida camisa enfunada,
E um gracejo solta-se da multidão surpreendida.

Por Wall Street, escorre o meio-dia desde a viga mestra até à rua,
Um rasgão no acetilene do céu;
Toda a tarde os guindastes envoltos pelas nuvens giram...
Os teus cabos respiram ainda o Atlântico Norte.

E é obscura, como aquele céu dos judeus,
A tua recompensa... tu conferes o louvor
De um anonimato que o tempo não pode evocar:
Testemunhas uma indulgência e um perdão vibrantes.

Harpa e altar pelo furor unidos,
(Como pôde o simples trabalho alinhar as tuas cordas cantantes!),
Medonho limiar da promessa do profeta,
Prece de um pária, e grito de um amante, —

E de novo as luzes do trânsito que deslizam pelo teu idioma
Veloz e total, imaculado suspiro de estrelas
Ornando o teu caminho, condensam a eternidade:
E vimos a noite erguida nos teus braços.

Sob a tua sombra, esperei junto dos pilares;
Apenas na escuridão é a tua sombra nítida.
Os bairros flamejantes da cidade todos inacabados,
A neve submerge já um ano de ferro...

Ó Insone como o rio lá em baixo,
Em abóbada sobre o mar, erva sonhadora das pradarias,
Desce, vem até nós, os mais humildes,
E da tua curvatura empresta a Deus um mito.

I Ave Maria

*Venient annis, sæcula seris,
Quibus Oceanus vincula rerum
Laxet et ingens pateat tellus
Tiphysque novos detegat orbes
Nec sit terris ultima Thule.*

— Séneca

Agora não me abandones, Luis de San Angel

— Testemunha antes das marés arrastarem
A palavra que trago, tu, que guiaste a minha
petição

Até ao grande coração da rainha naquele
dia de incertezas;

Pois eu vi agora o que nenhum perjuro alento
De palhaço ou de sábio consegue decifrar ou
negar;

— Tu também, Juan Perez, cujo conselho afastou
O medo e a cupidez, — trago-te de volta a Cataio!

*Colombo,
só, olhando
fixamente
em direcção a
Espanha, invoca a
presença de dois
fiéis partidários
da sua busca...*

Aqui as ondas entram no crepúsculo sobre a cota reluzente;

Invisíveis válvulas do mar, — cadeados, tendões

Encrespados e rastejantes, longos corredores

Que recuam abrindo-se para outro mergulho.

Lenta a caravela vermelha do sol mais uma vez

Asperge luz por detrás de nós... lá é manhã

— Onde os nossos impérios indianos se estendem, revelados,

Mas perdidos, todos, e que esta quilha os revele um instante!

Pensei em Génova; e é esta verdade, agora confirmada,

Que me obrigou a exilar nas suas ruas, mas que me parecia

Mais confiante que nunca — esperando a lua até que iluminasse

A aurora aquela sombria fronteira, inicialmente vista

— O grande continente de Chan... Então a fé, não o medo,

Quase me tornou inconsciente... ao escutar a ressaca próxima
— Eu, respirando espanto, fazia a vigia, — e vi
A primeira palmeira, divisa da primeira colina iluminada.

E lancei a âncora. E vieram todos até nós gritando:
«Os Grandes Pássaros Brancos!» (Ó Madre María, faz
Com que apenas um barco destes volte salvo;
Protege-nos com o teu eterno manto azul!)
E mais de uma notícia a flutuar num elmo
Se afastou agitado de nós, vogando sob mastros despidos;
E, mais tarde, tufões hão-de reclamar outros penhores...
Pois aqui entre dois mundos, um outro, rude,

O terceiro, de água, experimenta a palavra; olhai, aqui
A desorientação e o motim unem-se esmagando
O riso, e a sombra ceifa o sono do coração
Como se a cimitarra lançada pelo Mouro
Encontrasse mais do que carne para afundar-se na sua queda.
Mas, sob a investida da tempestade e os vômitos,
Em soluço profundo e em surdina dissuade o abismo,
Funde o vento ao ritmo das ondas,

Ondas após ondas, até ao infinito, — até que os olhos
Parados se abram, estupefactos, sobre as marés negras, e circundem
Todo este contorno esférico giratório, este anel crescente
Com pontas de sol e cingido de fogo modulado
Como pérolas que murmuram por entre as mãos do Doge
— Porém não há qualquer delírio de jóias! Ó Fernando,
Retira daquela costa oriental este mar ocidental,
Mas cede à caridade do teu Deus e da tua Virgem!

— Precipita-te sobre esta plenitude, e verás
Isaías enumerar a fome neste abrigo!

* * *

Uma erva, um ramo perdido entre os dentes salgados,
 As algas gelatinosas que se arrastam pela costa, — talvez
 A lua de amanhã nos conceda Saltes Bar
 — Palos de novo —, uma terra liberta de longa guerra.
 Um Angelus rodeia a árvore do cordame,
 As águas negras libertam a proa sombria.

* * *

Ó Tu que dormes em Ti mesmo, à parte
 Como o oceano através dos caminhos da morte e da vida,
 E, por entre as brisas redemoinhantes, procuras
 Cruel e com amor a tua parábola de homem,
 — Inquisidor! Verbo incognoscível
 Do Éden e do agrilhado Sepulcro,
 Nas tuas savanas abruptas, ardentes e azuis,
 Na solidão absoluta a vela é fiel.

Tu que fazes gemer o remo, e que disputando o mastro
 Subscreves o holocausto dos navios, Tu
 Em cujo primeiro olhar consumadamente
 Nadam os cintilantes senhorios do Ganges;
 — Que envias saudações pelo fogo-de-santelmo,
 E pela granada de Tenerife — inflamada numa nuvem,
 Forçando pela noite dentro a nossa passagem para o Chan;
 — Te Deum laudamus, pela tua envergadura!

De toda aquela amplitude que o tempo explora,
 Um agulha sob o olhar, detido o norte,
 — Concede, por inferência e exclusão, fé
 E verdadeiro encontro do baixio escondido,
 Esta disposição que a tua noite descreve
 Desde a Lua a Saturno numa roda de safira;
 O rasto orbicular dos teus pés outrora rodopiantes,
 Elohim, ainda escuto o fragor dos teus passos!